Apresentação

Virgínia Schall

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SCHALL, V. Apresentação. In: *Contos de Fatos: histórias de Manguinhos* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, pp. 11-14. ISBN: 978-85-7541-614-3. Available from: doi: [10.7476/9788575416143.0002](https://doi.org/10.7476/9788575416143.0002). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/hdq6f/epub/schall-9788575416143.epub>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Apresentação

Este livro começou a ser escrito há cerca de doze anos, mas sua intenção vem de muito antes. Desde cedo me interessei por biografias, tinha uma enorme curiosidade para saber mais sobre a vida dos escritores de livros que me encantavam na infância. Depois, a ciência foi tomando conta da minha curiosidade e passei a buscar avidamente biografias de cientistas que chamavam mais a minha atenção. Queria saber mais sobre as pessoas que transformavam o mundo, que estão presentes em cada minuto do nosso cotidiano, desde o momento em que nos levantamos e acendemos uma luz até quando temos a vida ameaçada e a ciência médica nos ampara.

Quando vim trabalhar em Manguinhos, não perdia nenhuma oportunidade de conversar com os cientistas veteranos da instituição. Envolvida com pesquisas relacionadas à esquistossomose, admirava o trabalho de alguns dos pesquisadores mais citados na literatura da área, e vários deles encontrei aqui. O ambiente da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) me deu uma oportunidade rara de conversar com essas pessoas, momentos de prazerosa e genuína aprendizagem. Dr. Lobato, sobretudo, foi quem acendeu em mim o desejo de registrar em livro algumas histórias ouvidas, tantas foram as vezes que ele subtraiu seu precioso tempo de trabalho para estar ali me contando casos e fatos da ciência, com uma sabedoria, uma vasta cultura e tal qualidade de narrador, de fazer inveja a grandes escritores. Eram horas em que eu pensava como seria interessante poder compartilhar o que ouvia com outras pessoas. Além disso, como professora de metodologia científica, estava sempre a buscar leituras sobre o processo do fazer científico, procurando enriquecer as aulas com exemplos de fatos reais ou episódios de descobertas mais divulgadas. Em 1986, frequentei também o curso de metodologia científica do Prof. Carlos Chagas

Filho, no Instituto de Biofísica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ocasião em que me dediquei a uma monografia sobre a criatividade científica. Naquela época, minha motivação para registrar e escrever sobre as descobertas dos cientistas com quem convivia tornou-se imperativa. Foi assim que, em 1988, iniciei as primeiras entrevistas com o propósito de publicá-las em um livro. Mas, outros compromissos inadiáveis de trabalho foram deixando o projeto do livro à espera, até que dez anos depois, em 1998, retomei a idéia e decidi levá-la adiante. Enquanto transcrevia e rememorava os relatos dos entrevistados, um título veio à tona: 'Contos de Fatos', trocadilho inspirado nos contos de fadas, baseado no propósito de apresentar versões de histórias reais escritas ao sabor da narrativa dos autores-personagens que as viveram ou contaram. Procurando manter fidelidade às histórias e aos vários estilos de contar de cada entrevistado, aqui me restringi ao papel de redatora, dando apenas leves pinceladas de narradora. Como as histórias podem despertar em alguns leitores o desejo de conhecer mais sobre os entrevistados, ao final do livro encontra-se um apêndice com referências de arquivos sobre alguns deles.

Como psicóloga e pesquisadora, o que mais me atrai nas biografias de cientistas e artistas são as nuances da personalidade de cada um, relacionadas ao seu potencial criativo e artístico, assim como o ambiente em que viveram e trabalharam. Essa área é um campo de pesquisa intenso e rico, no qual se destacam inúmeras análises e interpretações teóricas que buscam compreender e desvendar os processos cognitivos e afetivos relacionados à criatividade e à descoberta. Além desses fenômenos observáveis sob análise, há ainda autores que focalizam o que chamam de acaso ou circunstâncias favoráveis e inesperadas, que ocorrem como prêmios, propiciando as descobertas ou sínteses criativas que engendram inovações, seja na arte ou na ciência. Skinner fala em circunstâncias positivas, Jung, em sincronicidade, outros falam em coincidência, sorte ou acaso. O fato é que muitas descobertas – de pequenos a grandes fenômenos – parecem envolver fatores situacionais ou incidentes, alguns dos quais muito divulgados, como a história da penicilina, descoberta por

Flemming.¹ Apesar disso, concorda-se: quaisquer que sejam as circunstâncias, é fundamental que a mente esteja preparada para poder fazer a leitura correta ou ter o *insight* do fenômeno sob observação. Há ainda a influência dos mestres, presente na maioria das histórias aqui apresentadas. Na análise dos elementos que explicam a atividade criativa, Howard Gardner (*Mentes que Criam*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1966) inclui a relação entre o aluno talentoso e o mestre confiante como uma constante nas biografias da maioria dos expoentes da arte e da ciência por ele analisados. Muitos dos aqui entrevistados também destacam com admiração e carinho os mestres que os iniciaram na ciência, exemplos que nos alertam para a importância do nosso papel de orientadores.

Nas conversas com os cientistas aqui incluídos, sempre lhes pedi exemplos que pudessem ilustrar as circunstâncias favoráveis de algumas de suas descobertas. Tem sido um privilégio ouvir histórias tão ricas, narrativas por vezes extraordinárias, verdadeiras aventuras de pesquisadores que amam a sua profissão e dela fazem uma atividade lúdica e interessante, entremeando o cotidiano do trabalho de supostas surpresas. Não há coisa mais plena do que um ser humano falando daquilo que ama fazer! Assim, apresento algumas histórias dentre diversas registradas, seguindo a ordem cronológica das entrevistas, as quais circunscrevem-se como 'fatos' interessantes do mundo da ciência. Algumas delas ultrapassam o propósito primeiro do livro, e ilustram aspectos históricos da criação de novos centros de pesquisa no Brasil. Decidi incluí-las pela importância e exemplo que representam para a ampliação da ciência em nosso país. Há também registros da perseguição política que sempre rondou o mundo da ciência, inquisição que teve sua face revelada na ditadura

¹ Em 1928, o pesquisador inglês Alexander Fleming descobriu a penicilina de modo casual, em Londres. Ele havia preparado culturas de *Staphylococcus aureus* e as deixara expostas, o que causou a sua contaminação por fungos do ar. Observou então que as bactérias não cresciam nos locais onde o fungo crescera. Mais tarde, identificou o fungo – *Penicillium notatum* – e verificou que bastava uma substância filtrável do mesmo para inibir o crescimento bacteriano. Estava descoberta a penicilina, que, abrindo caminho para a cura de infecções letais, salva muitas vidas até hoje.

brasileira. Só espero ter conseguido relatar o que ouvi embevecida e transmitir o prazer e o entusiasmo que me despertaram.

A escolha dos pesquisadores aqui focalizados resulta da minha admiração pela capacidade científica e amor à ciência que sempre demonstraram e do fato de serem exemplos de carreiras produtivas e bem sucedidas. Há inúmeros outros pesquisadores na Fiocruz e no Brasil que poderiam figurar nestas páginas, compondo histórias não menos ricas e interessantes do que as aqui apresentadas. Mas era preciso começar e, assim, busquei pessoas com quem pude conviver ou conhecer e que são para mim referências. Espero ainda poder ampliar este trabalho e – quem sabe? – publicar novas coletâneas sobre fatos como os aqui focalizados, representativos da “grande e bela ciência” (parafraseando Carlos Chagas) que se tem feito no Brasil. E ao falar em admiração, incluo, aqui, um trecho que pode melhor situar este sentimento que move duas das mais belas expressões humanas: a ciência e a poesia, as quais tentei fazer presentes neste livro, na tentativa de torná-lo fiel aos fatos, sem perder a aura da beleza e sonho que envolve a atividade criativa.

Ciência e sabedoria poética são irmãs: irmãs amigas e amigas irmãs. Uma não existe sem a outra, da mesma forma como não há geometria sem espaço, ou movimento sem tempo. O ser da ciência são as relações puras, abstratas, descarnadas. Mas, para que exista a admiração que fundamenta e conduz à descoberta destas relações, é preciso que haja poesia. Pois admiração e poesia, tanto quanto admiração e sabedoria, são água da mesma fonte – ou do mesmo mar. A ciência da invenção é um incessante inventar-se. O objeto científico é invenção domada, tornada transparente. O objeto poético é também invenção domada, mas sua transparência é ambígua – mistério em plena luz. (Hélio Pellegrino, 1972, no prefácio do livro *Encontro*,² de seu irmão, o pesquisador José Pellegrino, cientista brilhante que iniciou tantos outros em seu laboratório, tanto na Universidade Federal de Minas Gerais quanto no Centro de Pesquisas René Rachou, em Belo Horizonte)

² Publicação nº 545. Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais (setembro de 1972). Belo Horizonte: Edição do Autor.